

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Efemeridade e persistência: experiências entre a criação e a mediação

Noeli Moreira
Mestranda PPGAV/ UDESC e Docente IFSC

Resumo: Este artigo apresenta os resultados da pesquisa-ação realizada por meio da exposição "Efemeridades e Persistências", que teve como objetivo desenvolver experiências de criar uma obra para expor e mediar com públicos distintos. O trabalho foi efetivado no Espaço Estético do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, no contexto da disciplina Ação Educativa em Espaços Culturais, ministrada pela Professora Sandra Regina Ramalho e Oliveira, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Universidade do Estado de Santa Catarina. A pesquisa mostrou caminhos possíveis para o ensino das artes e gerou importantes reflexões sobre o processo de criação e da mediação, levando em conta o fazer artístico de um professor propositor.

Palavras-chave: Exposição; criação; mediação.

Introdução

> “Ah, o homem é tão efêmero que, mesmo ali onde tem certeza da sua existência, onde pode deixar a única e verdadeira impressão da sua presença, ou seja, na memória, na alma dos seus amigos, mesmo ali deve apagar-se e desaparecer...”
>
> Johann Wolfgang von Goethe

> “Que nenhuma arte dure é uma fórmula tão abstracta como a da efemeridade de tudo o que é terrestre...”.
>
> Theodor W. Adorno

Este trabalho tem como ponto de partida a realização de uma exposição artística planejada ao longo do primeiro semestre de 2018, durante a disciplina de Ação Educativa em Espaços Culturais, ministrada pela Professora Sandra Regina Ramalho e Oliveira, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

A exposição realizada pelas discentes, bem como as ações educativas decorrentes ocorreram de forma individual, sendo elas, objetivos da disciplina, que discutia também as formas de mediação feitas pelos espaços de exposições mundo

afora, inseridos nos programas de ações educativas. Para essa exposição, planejada conjuntamente com a professora e as discentes, após 16 encontros e diversas atividades realizadas entre seminários, portfolios, pesquisas, debates e leituras, decidiu-se dar o nome de: “Efemeridades e Persistências”, e o local escolhido para a ação foi o Espaço Estético do Colégio Aplicação, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A escolha do local para a exposição foi um ponto importante, pois fomos desafiados a pensar sobre a possibilidade de fazer uma exposição num espaço formal de ensino e nas questões pertinentes sobre ensino e aprendizagem da Arte, partindo da ação educativa. Contamos com a participação da comunidade escolar, tanto para a visitação como para as mediações.

Exponho aqui os passos desta pesquisa que resultou na produção e montagem da obra que realizei, assim como, a mediação feita para um grupo de visitantes durante a exposição. As práticas decorrentes dessa atividade suscitam algumas reflexões, tanto sobre o acesso à arte, quanto ao ato da criação, da produção e o planejamento da ação educativa.

Entre criar e mediar, possibilidades para ensinar Arte

Após a escolha do tema, durante a disciplina, minha tarefa foi pensar e desenvolver uma obra, que contemplasse o tema por meio de uma técnica a ser definida. As possibilidades que partiam da proposição eram muitas – afinal, o que existe entre a efemeridade e a persistência?

Falar desses conceitos e do espaço entre eles é dar sentido ao que é passageiro e ao que permanece, num dualismo entre as memórias, os conceitos e a temporalidade humana. Ao pensarmos sobre o que é humano e relacionar ao tema proposto pela exposição, podemos compreender que, efemeridade e a persistência estão entrelaçadas na vida e na arte. Tudo passa; o tempo, que é efêmero, é também persistente. Este foi o desafio tanto para o desenvolvimento curatorial da exposição, quanto para nós, docentes, artistas e propositoras, nessa tarefa poética e de extrema sensibilidade.

Encontrar um ponto de partida para a criação, fez com que as recordações viessem à tona. Algumas obras de artistas admirados ao longo da história da arte, principalmente os contemporâneos, como também as obras por mim produzidas desde 2008, na arriscada tentativa de praticar os conceitos e as técnicas, através da imaginação, num exercício permanente da construção do olhar e do meu percurso criativo. Segundo o arte-educador Duarte Júnior (2012, p. 52), "O homem cria um universo significativo, em seu encontro com o mundo e através da imaginação".

Trilhar outro caminho, propondo algo novo, exige coragem, pois os sentimentos se espalham, conectando algo apenas sentido com a materialização de elementos e das experiências estéticas:

> Ao construir um objeto estético (uma obra de arte), o artista projeta nele tudo aquilo que percebe como próprio dos homens de sua época e lugar. Tudo aquilo que constitui o "sentir" dos homens (ou dos grupos de homens), que ele capta e exprime em formas (DUARTE JÚNIOR, 2012, p. 55).

A ideia para a criação não brota do vazio, ela vem dos pensamentos constantes. Existe uma frase atribuída ao artista Pablo Picasso que ilustra, de certa maneira, a ideia de criar: "Que a inspiração chegue não depende de mim. A única coisa que posso fazer é garantir que ela me encontre trabalhando"[1]. E foi numa tarde, consumida pela ideia da exposição que, ao ver um rapaz vendendo um equipamento para fazer bolhas de sabão, e fazendo uma relação com o local onde moro atualmente, me lembrei das bolhas que a natureza oferece sem ação do homem, as bolhas que formam a espuma das ondas do mar; um elemento persistente na sua existência e completamente efêmero em relação ao tempo. Isso

[1] Disponível em: <https://citacoesdosampaio.wordpress.com/2016/10/25/pablo-picasso-pintor-escultor-poeta-e-dramaturgo/12/09/18>. Acesso em 12 set. 2018.

me remete à artista Amélia Toledo[2] que poeticamente criou a escultura “Glu-Glu” (1968), com bolhas cantantes.

O próximo passo foi buscar saber por que existem as bolhas e a espuma no mar. Investigando, descobri que as bolhas se agrupam formando a espuma que, nada mais é, do que o resultado do movimento contínuo das ondas com o ar e de uma grande quantidade de compostos orgânicos dissolvidos na água, como sais, proteínas, gorduras, algas mortas, e outras porções de matéria orgânica (SILVA, 2018, p. 1; ABRIL, 2018, p. 1).

O objeto para minha obra estava ali, no mar. Em seguida, fotografei as bolhas na beira do mar: em cinco dias alternados, entre os meses de abril e maio de 2018; num total de 497 fotografias, usando um celular pessoal Samsung J7 PRO; numa média de 90 fotos/dia.

Para a impressão, foram selecionadas quatro imagens, que apresentavam variações entre poucas e muitas bolhas. Escolhi a técnica de sublimação, usando o tecido crepe, pois queria movimento, por meio da ação da corrente de ar, durante a exposição. Cada imagem foi pendurada na parte superior por prendedores de metal blinder clip, pintados com tinta spray na cor branca, e tinha como medida 42 x 58,8 cm cada uma.

Elaborei o texto de parede, trazendo uma reflexão poética ao tema a ao título da obra que chamei de “Proliferação”, justamente pela efemeridade e persistência constantes em que as bolhas surgem, num continuo movimento entre a passagem e a permanência.

[2] Amelia Amorim Toledo (São Paulo, 1926 - São Paulo, 7 de novembro de 2017) artista plástica brasileira. Atuava como pintora, desenhista, escultora e gravadora, foi também designer de joias e professora. Disponível em: <https://ameliatoledo.com/artista/. Acesso em: 14 set. 2018.



Figura 1 - **Proliferação.** Fotografias impressas sobre tecido crepe
Fonte: acervo do autor, 2018.

A abertura da Exposição aconteceu na noite de 11 de junho de 2017, às 19 horas, no Espaço Estético do Colégio Aplicação[3], no campus da UFSC, localizado no Bairro Trindade, em Florianópolis/SC. Ela ficou aberta para visitação até o dia 29 de junho de 2018, em horário letivo, no período matutino e vespertino, conforme o funcionamento do Colégio. A exposição contou com seis trabalhos distintos entre fotografias, instalação, desenho e trabalhos interativos.

Com a intenção de colaborar com os visitantes, considerando as percepções que poderiam ocorrer, cada obra contou com um breve texto de apresentação. As mediações foram realizadas pelas discentes em dias e horários escolhidos individualmente.

Uma vez montada a exposição, o próximo passo foi o planejamento da ação educativa através da mediação direta ao público. Pensando sobre essa etapa, parti de algumas experiências vividas nas visitas que fiz com ex-alunos em algumas exposições, situações em que além de levá-los, escolhia artistas e obras, montando uma espécie de caminho, indagando e refletindo com eles sobre o que olhávamos. Segundo Martins (2014, p.261), “cabe ao professor favorecer acesso cultural,

[3] Espaço estético do Colégio de aplicação: com o objetivo de criar um espaço expositivo na escola, foi aprovado seu projeto em 07 de outubro de 1997, fruto do trabalho dos professores de artes visuais do colégio, especialmente a arte-educadora Fabíola Cirimbelli Búrigo Costa. A exposição inaugural foi em março de 1998. Desde então expõe obras dos alunos, ex-alunos, comunidade escolar, arte-educadores, pesquisadores e artistas convidados.

construir curadorias educativas que ampliem o repertório de seus alunos oferecendo acesso não só à arte, mas também ao patrimônio cultural".

As ações educativas objetivam ampliar o repertório visual e artístico dos visitantes, colaboram na formação de público e, especificamente com estudantes, contribuem também para processos de ensino-aprendizagem mais criativos e significativos em sala de aula ou fora dela. Assim, pensar nas possibilidades de relação que podem surgir entre as obras e o público é o começo para o planejamento da mediação.

Participei em duas mediações na primeira semana da exposição. A primeira foi com um grupo de crianças do 4º ano do Colégio, acompanhadas por suas professoras. Com esse grupo fiz apenas algumas perguntas orais sobre a obra Proliferação, esperando que eles falassem algo a respeito do que estavam vendo. Algumas crianças logo fizeram a relação entre as bolhas e a efemeridade, inclusive contando suas vivências quando vão à praia. Outras indagaram sobre o movimento das ondas e a formação das bolhas, e outras ainda, sobre usar o celular para retratar a praia. A contextualização das obras de arte se faz por meio da possiblidade de compreender o pensamento do artista, com as realidades de quem observa o objeto artístico e suas relações individuais, coletivas e com outros saberes. Essa identificação cultural ficou evidente nas falas dos estudantes. Neste sentido, Barbosa (2003) salienta que:

> Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2003, p. 18).

Outro grupo atendido na visita mediada foi de cinco pessoas adultas, com idades entre 20 e 47 anos, estudantes e professores, todos moradores da cidade e que estavam na abertura da exposição, e que aceitaram meu convite para a mediação. Para esse momento, criei uma proposição intitulada: "bate papo caminhante", ou seja, percorremos as obras por um caminho planejado por mim,

começando pelo texto de abertura da exposição e a imagem do convite. Enquanto caminhávamos, indagava sobre as relações entre o tema da exposição e as obras produzidas. Entre olhares, perguntas, reflexões e memórias desencadeadas nesse percurso, passamos por todas as obras. Ao final, convidei-os a se sentarem para que escrevessem em papéis, palavras que pudessem traduzir um pouco do que tinham sentido durante a observação. Esse tipo de proposição pode apresentar limitações, pois quando sentimos algo com extrema sensibilidade, geralmente não conseguimos transcrever em palavras tal sentimento. Duarte Júnior (2012) entende que:

> O que ocorre na experiência estética, contudo, é que a consciência procura apreender o objeto desvencilhando-se dos laços condicionantes da linguagem conceitual. Nela o homem apreende o mundo de maneira *total,* sem a mediação parcializante dos conceitos linguísticos (DUARTE JÚNIOR, 2012, p. 58).

Nesse caso específico, o grupo foi extremamente delicado ao observar as obras e escreverem suas impressões. As falas foram fluídas e refletidas. Tivemos mais perguntas do que respostas. Principalmente sobre os conceitos de efemeridade e persistência, título da exposição. Ficou claro que todos, sem exceção, tentaram relacionar as imagens com suas vivências pessoais.

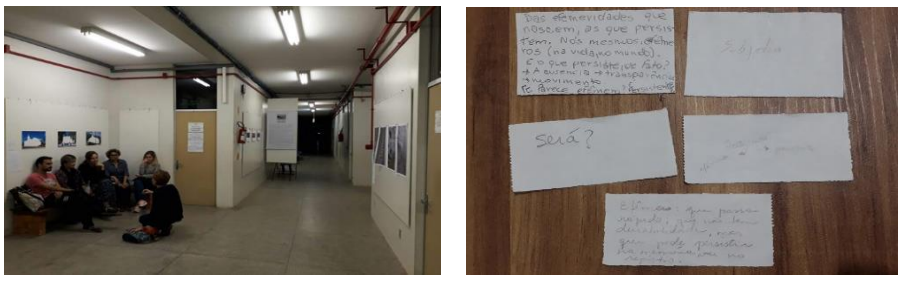


Figura 2 - Grupo e atividade realizada na mediação

Fonte: acervo do autor, 2018.

Considerações finais

Refletindo sobre as mediações, me ocorreram alguns questionamentos, principalmente sobre o grupo de adultos. A experiência estética ocorreu para todos? Qual seria a reação deles, caso eu tivesse levado um material diferente para a mediação? Será que todos participariam da mesma forma? Será que proporiam os mesmos diálogos entre obras e fariam o mesmo trajeto expositivo? Corri um risco com esse grupo; entretanto a experiência foi boa, pois eles quiseram falar muito e fizeram várias relações entre as imagens e seus momentos vividos.

Hoje, percebo com maior clareza que mediar é também um ato criativo e de proposição imaginativa; logo, depende de todos, do mediador e dos grupos visitantes. Um dos desafios do educador, segundo Luciana Chen (2014), é construir vivências para que tanto ele como o público possam desenvolver suas percepções, construindo possibilidades de ver, ouvir, sentir, conectando valores das pessoas e do entorno, um exercício de reflexão e diálogos. A ação educativa não envolve apenas pensar sobre as relações entre sujeitos e a arte, mas ampliar a ação mediadora com proposições e percursos que compreendem um conjunto de concepções, provocações, hipóteses e realizações que envolvam o contexto educativo. A mediação foi um processo de escuta e fala coletiva, reflexão, criação, elementos que caracterizam a ação educativa.

Todo o processo, desde o projeto curatorial, do qual participei, até as mediações realizadas, foi organizado pensando na realização de ações educativas, que proporcionassem experiências de sensibilidade através das visitações e das mediações. Creio que, em algum momento, as pessoas que visitaram a exposição e participaram da mediação puderam realizar aproximações com a arte, a cultura, o ensino e a vida em sua efemeridade e persistência.

Referências

ABRIL. Mundo Estranho. *Por que as ondas do mar fazem espuma.* Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-as-ondas-do-mar-fazem-espuma/>. Acesso em: 12 abr. 2018.

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1970.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). Mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte.* São Paulo: Cortez Editora, 2003.

CHEN, Luciana. Reflexões sobre a educação formal e não-formal a partir da semiótica discursiva. In: XX COLÓQUIO DO CENTRO DE PESQUISAS SOCIOSSEMIÓTICAS, 2014, São Paulo. *Anais XX Colóquio do Centro de Pesquisas Sociossemióticas, (*PUC - SP), São Paulo. Editora da PUC - SP, 2014.

COSTA, Fabíola C. B*. O olho que se faz olhar: os sentidos do "Espaço Estético do Colégio de Aplicação da UFSC" para alunos do Ensino Fundamental.* 2004. 139 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, S.C.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. *Por que arte-educação?* Campinas, SP: Papirus, 2012.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os sofrimentos do jovem Werther.* [recurso eletrônico]; tradução, organização, prefácio, comentários e notas de Marcelo Backes. – Porto Alegre: L&PM, 2010.

MARTINS, Miriam Celeste. *Mediações culturais e contaminações estéticas.* Revista GEARTE: Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 248-264, ago. 2014.

SILVA, Karlla Patrícia. Curiosidades. *Por que a água do mar forma espuma?* Disponível em: <https://diariodebiologia.com/2012/06/por-que-a-agua-do-mar-forma-espuma> Acesso em: 12 abr. 2018.